

ANTO
LOGIA
DE
AUTO
RES
DA
CPLP

MAIO 2015

Coordenação do Ensino
Português no Reino Unido
e Ilhas do Canal
Ministério dos Negócios Estrangeiros

 **CAMÕES**
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Este é o quarto ano de comemoração do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura da CPLP no Reino Unido. Com esta comemoração, oferecemos o quarto volume da Antologia de Autores da CPLP.

Os textos aqui apresentados são os lidos pelos alunos da rede de ensino Português no Reino Unido e Ilhas do Canal, pela celebração do dia 5 de maio. São poemas de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, S. Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Com este evento, queremos festejar o facto de termos uma rede de ensino rica e variada, numa sociedade tão multicultural como é a britânica. Os alunos de Português no Reino Unido são oriundos de todos os pontos da lusofonia e esse é um valor acrescido nas nossas aulas.

Queremos que este seja também um dia de leitura. A poesia, lida com vários sotaques, e a música acompanham-nos nesta celebração em família.

Londres, 5 de maio de 2015
Regina dos Santos Duarte
Coordenadora do Ensino Português no Reino Unido e Ilhas do Canal
Instituto Camões – Embaixada de Portugal em Londres



ÍNDICE

I- POESIA

Angola

Havemos de voltar, Agostinho Neto
Alegoria ao Sol, João Abel
Apontamento, João Abel

Brasil

O apanhador de desperdícios, Manoel de Barros
O Peru, Vinicius de Moraes
Vento Frio, A. J. Cardiais
O mosquito escreve, Cecília Meireles
A Casa, Vinicius de Moraes
Voo, Cecília Meireles
Soneto da Terra, José Manoel dos Santos
Os Poemas, Mario Quintana
Cuidando da Natureza, Leila Maria Grillo
Canção para ninar dromedário, Sérgio Capparelli
Pontinho de Vista, Pedro Bandeira
O Leilão de Jardim, Cecília Meireles
A Bailarina, Cecília Meireles
Bichinho Diferente, Priscila Ramos de Azevedo

Cabo Verde

Canção dos Rapazes da Ilha, Aguinaldo Fonseca

Guiné-Bissau

Uma História Pequeninha, Vasco Cabral

Moçambique

Chegada, Mia Couto

Portugal

O Portugal Futuro, Ruy Belo
Esta Gente/ Essa Gente, Ana Haterley
A Ana Quer, Manuel António Pina
Isto é o meu corpo, José Tolentino Mendonça
Cidade, Sophia de Mello Breyner Andresen

Se tu visses o que eu vi, Alice Vieira
Chuwa, Luísa Ducla Soares
À mesa, Luísa Ducla Soares
A Bola Amarela, Raquel Delgado
Mar, Sophia de Mello Breyner Andresen
Este livro, José Luís Peixoto
Eu, Florbela Espanca
Uma Gotinha, Vaz Nunes (adpt).
Tudo ao contrário, Luísa Ducla Soares
Pequeno poema, Sebastião da Gama
Animais de estimação, Álvaro Magalhães
O pastor, Eugénio de Andrade
Neste isolado contínuo, Cabral do Nascimento
Liberdade, Fernando Pessoa
Menina bonita..., poesia tradicional
Cada palavra, José Jorge Letria
Brinquedo, Miguel Torga
O meu amor..., Fernando Pessoa
Havia um menino, Fernando Pessoa
À minha querida mamã, F Pessoa
A fada das crianças, F Pessoa
Para atravessar contigo o deserto do mundo, Sophia MB Andresen
Cantiga ao desafio, Alice Vieira
Saudades de Portugal, Tiago Freitas

São Tomé e Príncipe

O ossobó cantou, Francisco José Tenreiro

Timor Leste

Rota, Fernando Sylvan
Meninas e meninos, Fernando Sylvan

II - Música portuguesa pela Luso Academy:

- *Haja o que houver (Madredeus)*
- *Capitão fantástico (Miguel Araújo)*
- *Para os braços da minha mãe (Pedro Abrunhosa)*
- *Canção de engate (António Variações)*
- *Seja agora (Deolinda)*





ANGOLA

Havemos de voltar

Às nossas terras
vermelhas do café
brancas de algodão
verdes dos milharais
havemos de voltar.

Às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar.

Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar.

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar.

À marimba e ao quissange
ao nosso carnaval
havemos de voltar.

À bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
havemos de voltar.

Havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente.



ANGOLA

Alegoria ao Sol

Naquela tarde havia sol, irmão ...

Sol

brincando às esquinas

colorindo as cubatas

enfeitando os olhares ...

Havia sol

Irmão!

As crianças saltavam

na areia encarnada

correndo e brincando

fazendo bonecos

-bonecos de barro

entregues ao Sol

nessa tarde infinita

em que tu

irmão

olhavas nos olhos

da fiel companhia

um destino melhor.

Havia Sol, irmão ...

E as roupas secando

em acenos de paz

afastavam a dor

que na tua alma sem brilho

se fora acoitar.

As galinhas ciscavam

no pequeno quintal,

e as moças sem graça

entregues à noite

riam p'ro Sol

que nessa tarde infinita

havia.

irmão.

Havia Sol,

Sol nessa tarde

Sol

a brincar às esquinas

a colorir as cubatas

a enfeitar os olhares

Sol

irmão!

Sol

que tu procuraste

erguendo as mãos

simplesmente tocar.

João Abel



ANGOLA

Apontamento

curvada ao peso
ao peso brutal

dos blocos de pedra
e os olhos no chão
os olhos na terra
anda na obra
levando o cimento
a pedra e a cal

ao mestre pedreiro

e curvada ao peso
ao peso da vida
de lágrimas secas
e sangue sem vida
traz o seu filho
preso nos panos
nas Costas curvadas
ao peso brutal

do cimento e da areia
que leva cantando
ao mestre pedreiro.

João Abel



BRASIL

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.



BRASIL

Peru

Glu! Glu! Glu!
Abram alas pro Peru!

O Peru foi a passeio
Pensando que era pavão
Tico-tico riu-se tanto
Que morreu de congestão.

O Peru dança de roda
Numa roda de carvão
Quando acaba fica tonto
De quase cair no chão.

O Peru se viu um dia
Nas águas do ribeirão
Foi-se olhando foi dizendo
Que beleza de pavão!

Glu! Glu! Glu!
Abram alas pro Peru!

Vinicius de Moraes



BRASIL

Vento Frio

Um vento frio
Invadiu
O quarto...

Eu dei um salto,
E perguntei
Se alguém sentiu.

Ninguém sentiu,
Ninguém viu
Ninguém riu...

Então,
Fiquei com medo,
E não dei mais
Um piu.

A. J. Cardiais



BRASIL

O Mosquito escreve

O mosquito pernilongo
trança as pernas, faz um M,
depois, treme, treme, treme,
faz um O bastante oblongo,
faz um S.

O mosquito sobe e desce.
Com artes que ninguém vê,
faz um Q,
faz um U, e faz um I.

Este mosquito
esquisito
cruza as patas, faz um T.
E aí,
se arredonda e faz outro O,
mais bonito.

Oh!
Já não é analfabeto,
esse inseto,
pois sabe escrever seu nome.
Mas depois vai procurar
alguém que possa picar,
pois escrever cansa,
não é, criança?
E ele está com muita fome.



BRASIL

A Casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número Zero

Vinicius de Moraes



BRASIL

Voo

Alheias e nossas as palavras voam.

Bando de borboletas multicores, as palavras voam

Bando azul de andorinhas, bando de gaivotas brancas,
as palavras voam.

Viam as palavras como águias imensas.

Como escuros morcegos como negros abutres, as palavras voam.

Oh! alto e baixo em círculos e retas acima de nós, em redor de nós as
palavras voam.

E às vezes pousam.

Cecília Meireles



BRASIL

Soneto da Terra

Natureza

Quem me dera poder retribuir-te

Em vida, tudo aquilo que me deste,

Este sopro de vida sem pedir-me

Nada em troca, daquilo que fizeste.

Gritar em defesa do teu nome

Lamentar por teus filhos avarentos

Morrer, pra saciar tua fome.

Escrever tua saga, teu lamento...

Mãe Terra, de tantas voltas vividas,

Pérola das águas, do poder da vida.

Vida tirana que decreta a morte.

Apesar de tudo, continuas forte.

Teu ciclo de vida... Maior que o homem

Devolvendo a vida e coroando a morte.

José Manoel dos Santos



BRASIL

Os poemas

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro de quem lê.

Quando fecha o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.

Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.

E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhoso espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

Mario Quintana



BRASIL

Cuidando da natureza

Vamos cuidar
Da mãe Natureza
Preservando a vida
Do nosso Planeta.

Não desperdicem água
Para não faltar
Separe todo lixo
Para reciclar.

Não destruam as matas
Árvores e flores
Que enfeitam o mundo
Com as suas cores.

Não poluam o ar
Isso não é legal
Na certa vai causar
O aquecimento global.

Vamos trabalhar
Nessa tarefa urgente
Para preservar
O nosso meio ambiente.

Leila Maria Grillo



BRASIL

Canção para ninar dromedário

Drome, drome

Dromedário

As areias

Do deserto

Sentem sono,

Estou certo.

Drome, drome

Dromedário

Fecha os olhos

O beduíno,

Fecha os olhos,

Está dormindo.

Drome, drome

Dromedário

O frio da noite

Foi-se embora,

Fecha os olhos

Dorme agora.

Drome, drome

Dromedário

Dorme, dorme,

A palmeira,

Dorme, dorme,

A noite inteira.

Drome, drome

Dromedário

Foi-se embora

O cansaço

E você dorme

No meu braço.

Drome, drome

Dromedário

Drome, drome

Dromedário

Drome, drome

Dromedário.

Sérgio Capparelli



BRASIL

O Leilão de Jardim

Quem me compra um jardim
com flores?

borboletas de muitas cores,
lavadeiras e passarinhos,
ovos verdes e azuis
nos ninhos?

Quem me compra este caracol?

Quem me compra um raio de sol?

Um lagarto entre o muro e a hera,
uma estátua da Primavera?

Quem me compra este formigueiro?

E este sapo, que é jardineiro?

E a cigarra e a sua canção?

E o grilinho dentro do chão?

Cecília Meireles



BRASIL

A Bailarina

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.

Cecília Meireles



BRASIL

Bichinho diferente

Era uma vez
Um bichinho diferente
Ele era muito esparto
E também inteligente.

Tinha 26 patinhas
Cada qual com uma letrinha
E por onde ele passava
Nascia uma palavrinha.

O nome dele eu não sabia
Ainda bem que descobri
- Alfabeto! – ele disse.
E eu nunca mais esqueci.

Priscila Ramos de Azevedo



BRASIL

Pontinho de vista

Eu sou pequeno, me dizem,

e eu fico muito zangado.

Tenho de olhar todo mundo

com o queixo levantado.

Mas, se formiga falasse

e me visse lá do chão,

ia dizer, com certeza:

- Minha nossa, que grandão!

Pedro Bandeira de Luna Filho



CABO VERDE

Canção dos rapazes da ilha

Eu sei que fico.

Mas o meu sonho irá

pelo vento, pelas nuvens, pelas asas.

Eu sei que fico

Mas o meu sonho irá ...

Eu sei que fico

Mas o meu sonho irá

Nos frutos, nos colares

E nas fotografias da terra,

Comprados por turistas estrangeiros

Felizes e sorridentes.

Eu sei que fico mas o meu sonho irá ...

Eu sei que fico

Mas o meu sonho irá

Metido na garrafa bem rolhada

Que um dia hei de atirar ao mar.

Eu sei que fico

Mas o meu sonho irá ...

sei que fico

Mas o meu sonho irá

Nos veleiros que desenho na parede.

Aguinaldo Fonseca



GUINÉ BISSAU

Uma história pequenina

Conta, mamã, uma história
uma história pequenina...”

Sim, meu filho: ouve uma história,
pequenina, pequenina...

O sol é oiro!

A lua é prata!

As estrelas, pérolas!

“Mamã, eu quero o sol!”

Sim, meu filho: terás na vida o sol
se fores sincero...

“Mamã, eu quero a lua!”

Sim, meu filho: terás na vida a lua
se fores honesto...

“Mamã, eu quero as estrelas!”

Sim, meu filho terás na vida as estrelas
se fores justo e humano...

Vasco Cabral



MOÇAMBIQUE

Chegada

Chegas,
Sóbria e sombria,
E desocupas em mim
A tua própria sombra.

Agora és a minha própria voz:
Nenhum silêncio nos pode calar.

Falas e acaba o tempo.

E eu escuto-te
Apenas quando te lembro.



PORTUGAL

Portugal Futuro

O portugal futuro é um país
aonde o puro pássaro é possível
e sobre o leito negro do asfalto da estrada
as profundas crianças desenharão a giz
esse peixe da infância que vem na enxurrada
e me parece que se chama sável
Mas desenhem elas o que desenharem
é essa a forma do meu país
e chamem elas o que lhe chamarem
portugal será e lá serei feliz
Poderá ser pequeno como este
ter a oeste o mar e a espanha a leste
tudo nele será novo desde os ramos à raiz
À sombra dos plátanos as crianças dançarão
e na avenida que houver à beira-mar
pode o tempo mudar será verão
Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz
mas isso era o passado e podia ser duro
edificar sobre ele o portugal futuro

Ruy Belo



PORTUGAL

Esta gente/ Essa gente

O que é preciso é gente
gente com dente
gente que tenha dente
que mostre o dente

Gente que não seja decente
nem docente
nem docemente
nem delicodocemente

Gente com mente
com sã mente
que sinta que não mente
que sinta o dente são e a mente

Gente que enterre o dente
que fira de unha e dente
e mostre o dente potente
ao prepotente

O que é preciso é gente
que atire fora com essa gente

Essa gente dominada por essa gente
não sente como a gente
não quer
ser dominada por gente

NENHUMA!

A gente
só é dominada por essa gente
quando não sabe que é gente

Ana Hatherly



PORTUGAL

A Ana Quer

A Ana quer
nunca ter saído
da barriga da mãe.
Cá fora está-se bem,
mas na barriga também
era divertido.

O coração ali à mão,
os pulmões ali ao pé,
ver como a mãe é
do lado que não se vê.

O que a Ana mais quer ser
quando for grande e crescer
é ser outra vez pequena:
não ter nada que fazer
senão ser pequena e crescer
e de vez em quando nascer
e voltar a desnascer.

Manuel António Pina



PORTUGAL

Isto é o meu corpo

O corpo tem degraus, todos eles inclinados
milhares de lembranças do que lhe aconteceu
tem filiação, geometria
um desabamento que começa do avesso
e formas que ninguém ouve

O corpo nunca é o mesmo
ainda quando se repete:
de onde vem este braço que toca no outro
de onde vêm estas pernas entrelaçadas
como alcanço este pé que alcanço adiante?

Não aprendo com o corpo a levantar-me
aprendo a cair e a perguntar

José Tolentino Mendonça



PORTUGAL

Cidade

Cidade, rumor e vaivém sem paz nas ruas,
Ó cidade suja, hostil, inutilmente gasta,
Saber que existe o mar e as praias nuas,
Montanhas sem nome e planícies mais vastas
Que o vasto desejo,
E eu estou em ti fechada e apenas vejo
Os muros e as paredes, e não vejo
Nem o crescer do mar, nem o mudar das luas.

Saber que tomas em ti a minha vida
E que arrastas pelas sombras das paredes
A minha alma que fora prometida
Às ondas brancas e às florestas verdes.

Sophia de Mello Breyner Andresen



PORTUGAL

Se tu visses o que eu vi

Se tu visses o que eu vi
havia de te admirar:
uma cadela com pintos,
uma galinha a ladrar.

Se tu visses o que eu vi
lá no alto do lameiro
um macaco a bater sola
a fazer de sapateiro.

Se tu visses o que eu vi
na serra de Guimarães
uma minhoca com pintos
e uma bezerra com cães.

Se tu visses o que eu vi
na feira de Vimioso
sete frades em camisa
a cavalo num raposo.

Se tu visses o que eu vi
no buraco da parede
a cobra a dançar o vira
e o lagarto a cana verde.



PORTUGAL

Chuva

Cai a chuva, ploc, ploc
corre a chuva ploc, ploc
como um cavalo a galope.

Enche a rua, plás, plás
esconde a lua, plás, plás
e leva as folhas atrás.

Risca os vidros, truz, truz
molha os gatos, truz, truz
e até apaga a luz.

Parte as flores, plim, plim
maça a gente plim, plim
parece não ter mais fim.

Luísa Ducla Soares



PORTUGAL

À Mesa

A mãe, se me vê
comer com a mão,
prega-me logo
uma lição.

Então tentei
comer com o pé:

Tirei sapato,
tirei a meia...
Ia levando uma tarefa.

Mas amanhã
não ralham comigo
pois vou comer
pelo umbigo.

Luísa Ducla Soares



PORTUGAL

A Bola Amarela

O sol é uma bola amarela
Que gosta das rosas,
Que gosta do mar,
E da primeira andorinha
Que possa voar
O sol gosta de mim,
O sol gosta de ti,
O sol gosta de todos os meninos
Que vê a brincar.

Raquel Delgado



PORTUGAL

Mar

Mar, metade da minha alma é feita de maresia
Pois é pela mesma inquietação e nostalgia,
Que há no vasto clamor da maré cheia,
Que nunca nenhum bem me satisfez.
É porque as tuas ondas desfeitas pela areia
Mais fortes se levantam outra vez,
Que após cada queda caminho para a vida,
Por uma nova ilusão entontecida.

E se vou dizendo aos astros o meu mal
É porque também tu revoltado e teatral
Fazes soar a tua dor pelas alturas.
E se antes de tudo odeio e fujo
O que é impuro, profano e sujo,
É só porque as tuas ondas são puras.

Sophia de Mello Breyner Andresen



PORTUGAL

Este Livro

este livro. passa um dedo pela página, sente o papel
como se sentisses a pele do meu corpo, o meu rosto.

este livro tem palavras. esquece as palavras por
momentos. o que temos para dizer não pode ser dito.

sente o peso deste livro. o peso da minha mão sobre
a tua. damos as mãos quando seguras este livro.

não me perguntes quem sou. não me perguntes nada.
eu não sei responder a todas as perguntas do mundo.

pousa os lábios sobre a página. pousa os lábios sobre
o papel. devagar, muito devagar. vamos beijar-nos

José Luís Peixoto



PORTUGAL

Eu

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem sorte,
Sou a irmã do sonho, e desta sorte,
Sou a crucificada...a dolorida...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

Florabela Espanca



PORTUGAL

Uma gotinha

Se uma gotinha falasse,
o que iria dizer?
- Unida a muitas gotinhas
o rio faço crescer.

Se uma gotinha falasse,
o que iria dizer?
- Ao cair num copo cheio
a água não pude conter.

Se uma gotinha falasse,
o que iria dizer?
- Após uma noite fria,
sou o orvalho, podes-me ver.

Se uma gotinha falasse,
o que iria dizer?
- Sozinha sou pequenina
junto a muitas grande vou ser.

Se uma gotinha falasse,
o que iria dizer?
- Os raios do lindo Sol
em mim consigo reter
e um lindo arco-íris vou fazer.

Se uma gotinha falasse,
o que iria dizer?

- Evaporo, formo as nuvens
e caio ao solo ao chover.
Se uma gotinha falasse,
tanto iria dizer!

Adaptação de Vaz Nunes, 2002



PORTUGAL

Tudo ao Contrário

O menino do contra
queria tudo ao contrário:
deitava os fatos na cama
e dormia no armário.

Das cascas dos ovos
fazia uma omelete;
para tomar banho
usava a retrete.

Andava, corria
de pernas para o ar;
se estava contente
punha-se a chorar.

Molhava-se ao sol,
secava na chuva
e em cada pé
usava uma luva.

Escrevia no lápis
com um papel;
achava salgado
o sabor do mel.

No dia dos anos
teve dois presentes:
um pente com velas
e um bolo com dentes.



PORTUGAL

Pequeno Poema

Quando eu nasci,
ficou tudo como estava.

Nem homens cortaram veias,
nem o Sol escureceu,
nem houve estrelas a mais...
Somente,
esquecida das dores,
a minha Mãe sorriu e agradeceu.

Quando eu nasci,
não houve nada de novo
senão eu.

As nuvens não se espantaram,
não enlouqueceu ninguém...

Pra que o dia fosse enorme,
bastava
toda a ternura que olhava
nos olhos de minha Mãe...

Sebastião da Gama, in 'Antologia Poética'



PORTUGAL

Animais de Estimação

Ó mãe, posso ter um hipopótamo?
uma girafa ou um pinguim?
Diz-me que sim, diz-me que sim.
Gostava tanto de ter um elefante,
um rinoceronte e uma baleia.
Não é boa ideia?
E se for uma vaca,
um canguru e uma doninha?
Também não?
Que grande desgraça!
E se for uma traça?
Não, então quero um cão,
um gato, um papagaio e uma lombriga.
E, já agora, um coelho, uma aranha e uma formiga.
E um jacaré.
Pois é, também quero um jacaré.
E quero um tubarão
que venha comer à minha mão,
um mosquito que seja bonito,
e uma sardinha que seja só minha.

Álvaro Magalhães, O Brincador



PORTUGAL

O Pastor

Pastor, pastorinho,
onde vais sozinho?

Vou àquela serra
buscar uma ovelha.

Porque vais sozinho
pastor, pastorinho?

Não tenho ninguém
que me queira bem.

Não tens um amigo?
Deixa-me ir contigo.

Eugénio de Andrade



PORTUGAL

Neste isolar contínuo, neste gosto

“Neste isolar contínuo, neste gosto
De selecção, de ideal e de beleza,
surge outro mundo de uma tal grandeza
Que os olhos não abrangem deste rosto.

É o mundo interior a que eu acosto
Em busca da verdade e da certeza,
Onde se encontra Deus, lâmpada acesa,
Sol de oiro sempre nado e nunca posto.

Longe, de mar do além, brilha outra vida:
Cintila e eu vejo-a multicolor, garrida
Como um navio embandeirado em arco.

E entre os hinos do amor e a voz do vento,
Creio dormir, sonhar, e num momento
Estou na praia, digo adeus, e embarco”.

Cabral do Nascimento (1897-1978)



PORTUGAL

Liberdade

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
Sol doira
Sem literatura
O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como o tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quanto há bruma,
Esperar por D.Sebastião,
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças,

Flores, música, o luar, e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.

Mais que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca...



PORTUGAL

Menina bonita não sobe à janela

Menina bonita
não sobe à janela
porque o bicho mau
carrega com ela.

Se quer alvos ovos
arroz com canela
menina bonita
não sobe à janela.

Não sobe à janela
não sobe à varanda
porque lá está posta
uma fita de ganga.

E dentro da panela
uma fita amarela
e dentro do poço
a casca de tremçoço
e lá no telhado
um gato molhado
e na chaminé
uma caixa de rapé
e no meio da rua
uma espada nua
e atrás da porta
uma vara torta
e dentro do ninho
um passarinho.

Deixa-o no morno
e dá-lhe pãozinho.



PORTUGAL

Cada Palavra

Cada palavra que leres
Há de alargar o teu mundo
acrescentando sentido
ao que fazes lá no fundo,
e aquilo que nomeias
passa a ter nome e lugar,
tesouro de sons soletrado
quando te pões a falar

Cada palavra que dizes,
mesmo que seja hesitante,
tem a beleza Sonora
da cantilena distante
que te entra no ouvido
vinda de uma tal distância
que, ao procurá-la no mapa,
encontramos a infância

Cada palavra que aprendes
tem o gosto da aventura
e a magia secreta
que há no ato da leitura.
Cada palavra que escreves
é o fruto já maduro
que cai da árvore dos sons
e tem sabor de futuro.

Cada palavra que dizes,
mesmo que temas dizê-la
é uma luz que se acende
atrás de cada janela,
é um vento prometido,
é uma rima anunciada
que às vezes se desfaz
numa alegre gargalhada.



PORTUGAL

Brinquedo

Foi um sonho que eu tive:

Era uma grande estrela de papel,

Um cordel

E um menino de bibe.

O menino tinha lançado a estrela

Com ar de quem semeia uma ilusão;

E a estrela ia subindo, azul e amarela,

Preso pelo cordel à sua mão.

Mas tão alto subiu

Que deixou de ser estrela de papel.

E o menino, ao vê-la assim, sorriu

E cortou-lhe o cordel.

Miguel Torga



PORTUGAL

O meu Amor é pequeno

O meu amor é pequeno,
Pequenino não o acho.

Uma pulga deu-lhe um coice,
Deitou-o da cama abaixo.

Quando passo um dia inteiro
Quando passo um dia inteiro
Sem ver o meu amorzinho
Cobre-me um frio de Janeiro
No Junho do meu carinho

Fernando Pessoa



PORTUGAL

Havia um menino

Havia um menino
que tinha um chapéu
para pôr na cabeça
por causa do sol.

Em vez de um gatinho
tinha um caracol.
Tinha o caracol
dentro de um chapéu;
fazia-lhe cócegas
no alto da cabeça.

Por isso ele andava
depressa, depressa
pra ver se chegava
a casa e tirava
o tal caracol
do chapéu, saindo
de lá e caindo
o tal caracol.

Mas era, afinal,
impossível tal,
nem fazia mal
nem vê-lo, nem tê-lo:
porque o caracol
era do cabelo.



PORTUGAL

À minha querida mamã

À minha querida mamã
Eis-me aqui em Portugal
Nas terras onde eu nasci
Por muito que goste delas
Ainda gosto mais de ti.

Fernando Pessoa



PORTUGAL

A fada das crianças

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,
Voando pela noite silenciosa,
A fada das crianças, vem, luzindo.
Papoulas a coroam, e, cobrindo
Seu corpo todo, a tornam misteriosa.

À criança que dorme chega leve,
E, pondo-lhe na fronte a mão de neve,
Os seus cabelos de oiro acaricia –
E sonhos lindos, como ninguém teve,
A sentir a criança principia.

E todos os brinquedos se transformam
Em coisas vivas, e um cortejo formam:
Cavalos e soldados e bonecas,
Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam,
E palhaços que tocam em rabecas...

E há figuras pequenas e engraçadas
Que brincam e dão saltos e passadas...
Mas vem o dia, e, leve e graciosa,
Pé ante pé, volta a melhor das fadas
Ao seu longínquo reino cor-de-rosa



PORTUGAL

Para atravessar contigo o deserto do mundo

Para atravessar contigo o deserto do mundo
Para enfrentarmos juntos o terror da morte
Para ver a verdade, para perder o medo
Ao lado dos teus passos caminhei.

Por ti deixei meu reino, meu segredo
Minha rápida noite, meu silêncio
Minha pérola redonda e seu oriente
Meu espelho, minha vida, minha imagem
E abandonei os jardins do paraíso.

Cá fora à luz sem véu do dia duro
Sem os espelhos vi que estava nua
E ao descampado se chamava tempo.

Por isso com teus gestos me vestiste
E aprendi a viver em pleno vento.

Sophia de Mello Breyner Andresen



PORTUGAL

Cantiga ao desafio

– Menina, que sabe ler,
também sabe soletrar!
Diga lá, minha menina:
quantos peixes há no mar?

– Quantos peixes há no mar?
eu já te vou responder
São metade e outros tantos
fora os que ainda estão por nascer.

Diz-me lá, ó cantador,
quantas penas tem um pato?
quantos picos um ouriço,
quantos cabelos um gato?

-Menina, perguntas bem,
agora respondo eu:
penas, picos e cabelos
só têm os que Deus lhe deu.

-Tenho duzentos lencinhos,
uma coroa em cada ponta:
ó menina que é tão fina,
faça-me lá essa conta!

-São quatrocentos mil réis
nem é preciso escrever,
que és um belo cantador
já ficámos a saber.

– Menina que tanto sabe,
responda a esta pergunta:
que ciência tem o mar,
que tanta água em si junta?

– A ciência que o mar tem,
não é coisa de pasmar:
não há rio nem regato
que ao mar não vá parar.

Alice Vieira



PORTUGAL

Saudades de Portugal

Olá a todos!

Gosto muito da cultura portuguesa e das tradições
e tenho muito orgulho em falar a língua de Camões.

Nasci no Reino Unido,
mas gosto muito de Portugal.

Tenho muitas saudades
e é o que me faz lá voltar.

Adoro viver aqui,
mas lembro-me sempre dos pastéis de nata que comi,
do pão-de-ló,
dos pratos de bacalhau da minha avó,
das sardinhas,
do caldo verde e das castanhas assadas.

Interesso-me também pela nossa história,
que vou descobrindo e aprendendo devagar.
Vou guardando tudo na minha memória
e as aulas de português, claro, que continuarei a frequentar.

Mais uma vez um “muito obrigado” aos professores do Instituto Camões.

Tiago Freitas, 11 anos



SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

O ossobó cantou

A cavalo do vento
A chuva chegou.
A chuva chegou
E o ossobó cantou.

Cantou o ossobó
Seu canto molhado
- Techuva já vêo?
- Já vêo siô.

Sob a folhagem amodorra e cobra preta
enquanto o potro e o menino do engenho
brincam e correm no terreiro os corpos molhados
do canto bonito do ossobó

- já vêo a chuva?
- Já vêo si siô.
- Não vêo, não siô.
- Ah! Já vêo que ossobó cantou.

Francisco José Tenreiro



TIMOR LESTE

Rota

Não sei se o mar tem voz
Mas a sua voz
Desde pequeno me falava lento.

E eu via nele
O que não existia na memória.
Ninguém sabia
De meus avós e bisavós
Se era quadrado ou redondo
Se tinha vida ou não.

Mas sem saber se tinha voz o mar
Ouvia a sua voz.
E sem saber se tinha vida ou não
Sentia a sua vida.

Foi ele que me disse
Que havia Espaço e Tempo.

E comecei a viajar sem medo da viagem.

E nunca mais parei
Com medo da paragem.

Fernando Sylvan



TIMOR LESTE

Meninas e Meninos

Todos já vimos
nos livros, nos jornais, no cinema e na televisão
retratos de meninas e meninos
a defender a liberdade de armas na mão.

Todos já vimos
nos livros, nos jornais, no cinema e na televisão
retratos de cadáveres de meninos e meninas
que morreram a defender a liberdade de armas na mão.

Todos já vimos!
E então?

Fernando Sylvan

FICHA TÉCNICA

Coordenação: Regina dos Santos Duarte

Compilação dos textos: Ana Rocha

Colaboração: Ana Aires, Ana Figueiredo, Ana Fonseca, Carlos Xastre, Elizabeth Barbosa,
Helena Ferreira, José Gomes, Olga Barradas, Sérgio Jesus, Susana Rente, Vanda Araújo

Design: Nuno Silva

Coordenação do Ensino
Português no Reino Unido
e Ilhas do Canal
Ministério dos Negócios Estrangeiros

 **CAMÕES**
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS